



→ EDIÇÃO ESPECIAL

# JORNAL DE PAREDE

De - "O Comércio do Porto"

DEDICADO A MARIA DE LURDES PINTASILBO

N.º 77

"O materialismo é arido como um deserto, escuro como uma trinca" - Álvaro de Azevedo, poeta brasileiro.

## NOTA DE ABERTURA

"Jornal de Parede" anunciou uma pausa, mas os acontecimentos precipitaram-se. Já não falo dos acontecimentos mineiros, ou do comércio da empresa. Para estes é necessário montar uma estrutura que passe pelo director, subdirector, chefe disto e daquilo, serviços disto e daquele outro, secretárias e secretários, administradores e lá também outro "Comércio do Porto".

Várias pessoas ficaram alarmadas com o desaparecimento de "Jornal de Parede" que é, indubitavelmente, a única maneira de sabermos um pouco do muito que se passa cá dentro. Ofereceram-se para ajudar, até momentaneamente, só pare que o jornal não desapareça pois que o conheciam com mais interesse e melhor critério que o próprio "Comércio"; feito por tanta gente. Só que as coisas são como são e não como as pessoas queriam que fossem. Contudo, "Jornal de Parede" aparecerá sempre que seja necessário,



2) Como é o caso presente. Porque a categoria mental,  
moral e intelectual de Primeira-Administração o justifica;  
Porque olham pelos trabalhadores e informados; Porque  
revoam algumas directivas mais odiosas do Conselho  
Mote Pinto; Porque mandam animar e publicar o  
contrato dos trabalhadores de Imprensa, que, é bom  
que se saiba, não são só os jornalistas, beneficiados  
pelo Sr. Proença de Carvalho; Porque falam sempre  
numa linguagem franca e directa, que lhe valeu a  
animosidade dos "civilizados" de pacotilha, que abindam  
sorrisos televisivos, mas, no bastidores tiram  
a máscara, mais ou menos composta; Porque é grande,  
no plano internacional, onde ganhou nome pelo  
seu trabalho e talento e não por força de  
interesses económicos ou de teor idêntico. Por  
tudo isto, o profissional da informação que faz  
este jornal, Fundação Cuidar o Futuro  
dedicado a um mundo contemporâneo, caluniado  
e insultado por muitos polcas-diahos, imbecis,  
despeitados e ineptos, que não reputam a luz  
da verdade, o brilho do talento; que já  
insultaram Vasco Gonçalves e outros altos  
da Revolução, só porque falam do povo  
e para o Povo.

Como trabalhador e homem do povo anónimo,  
o responsável de "Jornal de Paredo" não pode  
deitar de espinnar aqui que a imprensa portu-  
guesa, salvo honrosas excepções, está insuainada  
pelo dimisionismo, o ódio, a colagem política,  
o interesse político ou financeiro. Isso se pode





em adiante, em declarações de diversas personalidades, em escritos publicados em alguns jornais. Felizmente que assim é, caso contrário, já teríamos regressado aos odiosos Tempos da ditadura fascista.

Sabemos todos que, logo após o "25 de Abril" muitos indivíduos mudaram de cor. Passados alguns meses, tornaram a mudar, de acordo com as mudanças políticas. Muitos passaram a usar barba e fura à "Lezíria" para se darem arde de progressistas, esquecidos que as barbas e as barbas não dão coisa nenhuma, pois a inteligência, a cultura e o conhecimento, adquiriram-se com estudo e raciocínio e tem muito a ver com as encarnações passadas e com o esforço de presente.

Agora, já estão ao serviço das forças conservadoras e retrógradas, esquecidos que a vida não anda para trás e que o progresso é um facto verificável.

"Comércio do Porto" é um jornal antigo, que procura renovar-se, alterando formatos e montando tecnologia, mas não se renova no essencial, que é a mensagem ao público leitor. Exceptuando as crónicas diárias e noticiários das delegações, pouco ou nada faz de formação e informação. É um jornal antigo, sem chama, sem atractivo.

De quem é o defeito? Não cabe aqui analisar este problema, já debatido em plenários locais e em Comissões de Trabalhadores, e quem não pertença a nenhuma.





1) O ataque a Maria de Lurdes Pintarilgo nem demonstra de que <sup>modo</sup> este jornal, apesar de se pedir maior esforço aos trabalhadores para "manter" a independência do jornal. Que independência? Será independência atacar quem defende e promover dignificar os trabalhadores?



Os rancões dos que fazem o jornal reflectem o rancão de toda uma sociedade. Sociedade hipócrita, que se diz cristã, mas nada faz por cumprir os preceitos cristãos. Já não se fala dos rancões pessoais, que não desde o fumo e do álcool até outros de várias graduações, fala-se dos rancões de maledicência, de calúnia, do egoísmo, do ódio negro, da inveja. Fala-se dos zangos de bestidas, do malabarismo, do oportunismo. Todos os que trabalham em jornais, e o autor já trabalha em vários, sabem o que se passa a este respeito, a respeito de discriminações, de compadecimentos, de arranjos. Em empresas que se dizem formadas para formar e informar os cidadãos, isto é grave. Gravíssimo. Dai que ninguém se possa escandalizar com as declarações de Maria de Lurdes Pintarilgo. Elas reflectem uma realidade, apenas desmentida pela consciência de algumas pessoas que não se ditam lenas no assunto. Maria de Lurdes Pintarilgo é capaz de não ter "O Comércio do Porto" e as críticas do Sr. Queiroz. Não poderia grande coisa, mas se lhe não se impressione. Eu, daqui, posso dizer-lhe que estou comigo e garantilhe que uma grande parte dos trabalhadores desta casa, também está. E mais, este jornal lá-de chegan-lhe as mãos!





Artur Portela

# Os bules dogues

## Já somos um País europeu!

"Portugal HOJE"

Portugal HOJE 28-12-71



Outro dia, o dr. Mário Soares encontrou o dr. Freitas do Amaral no comboio e felicitou-o pela vitória da AD.

À chegada, o dr. Freitas do Amaral declarou:

— Já somos um País europeu!

Isto enquanto a Imprensa afecta à Aliança faz, em coro, a apologia da oposição bem educada, polida, civilizada, numa palavra, europeia, que incumbiria ao PS.

Aparentemente, a tese do dr. Freitas do Amaral e da Imprensa que lhe é affecta é esta: após uma revolução mal educada, incivilizada e cafre, após uma democracia selvagem, legalmente surrealista e caótica, estabelecesse, neste País, com a vitória da AD, uma democracia polida e europeia, na qual o governo e a oposição cumprem finalmente o seu dever, o governo governa, a oposição critica e, quando é caso disso, felicita o governo, num qualquer comboio de acaso.

É Churchill, é Ailee, é o fair-play.

É o sonho de um jovem estudante de Verão na Grã-Bretanha.

É a Europa.

Há, no entanto, que acrescentar a isto um pouco mais.

Em primeiro lugar, há que dizer a este jovem professor extraordinário da Faculdade de Direito que Portugal, com todas as suas insuficiências, com todas as suas asperezas, com todas as suas sombras, é Europa vai para nove séculos, pelo que vir agora um rapaz de trinta e não sei quantos anos dizer que Portugal já é um País europeu porque ele acumulará, talvez, os cargos de vice-Primeiro-Ministro e de ministro dos Negócios Estrangeiros, e porque o dirigente do maior partido da oposição, ao ir felicitá-lo num comboio, parece garantir-lhe uma oposição bem educada, é uma daquelas auto-suficiências ridículas, uma daquelas petulâncias grotescas, um daqueles pacovismos abranhistas que, por si só, pareceriam indicar que — Portugal ainda não é um País europeu.

Em segundo lugar, há que dizer a este jovem professor ex-

traordinário da Faculdade de Direito que a educação de que ele fala, a Europa de que ele fala, é, não a Europa, mas uma classe social europeia, e não só europeia, e um tempo limitado e relativamente recente da História deste continente; que essa classe chegou ao poder há duzentos anos, e com algum sangue; que essa classe defendeu o seu modelo representativo com o sangue que se sabe; que o rotativismo britânico assenta os seus alicerces morais sobre a hipocrisia da fachada vitoriana; que a Democracia tem outros caminhos e alguns deles com uma genealogia europeia culturalmente ilustre; que a Europa ainda exhibe as cicatrizes da sua violência e que a imagem que a Europa deixou em vastos continentes onde exercitou a sua polidez é de violência.

Em terceiro lugar, há que dizer a este jovem professor extraordinário da Faculdade de Direito que a educação de que ele fala, bom seria que a tivesse tido a oposição pela qual ele foi largamente responsável, pela qual ele foi pelo menos moralmente responsável: há que lembrar-lhe que muitas vezes essa oposição, muitos órgãos dessa oposição violentaram, não apenas a educação, a polidez, a Europa, mas a ética, a justiça, a justiça que essas vezes, esses órgãos montaram, maquinações para desacreditar governos de esquerda, corromperam a tranquilidade, a confiança e a esperança do País, insultaram os órgãos de soberania, enlamearam o Presidente da República, insultaram o Primeiro-Ministro: há que lembrar-lhe que nenhum de nós esquece isto, que isto foi dito e escrito nos órgãos de comunicação que eram pagos para o defender, e que ele nunca levantou a voz, a sua voz polida e europeia, para o desmentir, para o corrigir.

Em quinto lugar, há que dizer a este jovem professor extraordinário da Faculdade de Direito

que a educação de que ele fala, bom seria que a tivesse tido a oposição pela qual ele foi largamente responsável, pela qual ele foi pelo menos moralmente responsável: há que lembrar-lhe que muitas vezes essa oposição, muitos órgãos dessa oposição violentaram, não apenas a educação, a polidez, a Europa, mas a ética, a justiça, a justiça que essas vezes, esses órgãos montaram, maquinações para desacreditar governos de esquerda, corromperam a tranquilidade, a confiança e a esperança do País, insultaram os órgãos de soberania, enlamearam o Presidente da República, insultaram o Primeiro-Ministro: há que lembrar-lhe que nenhum de nós esquece isto, que isto foi dito e escrito nos órgãos de comunicação que eram pagos para o defender, e que ele nunca levantou a voz, a sua voz polida e europeia, para o desmentir, para o corrigir.

sumível futuro ministro dos Negócios Estrangeiros do novo governo português; isto na medida em que, tendo este País relações com alguns Estados não-europeus, tendo este País relações com Estados africanos e sul-americanos, é interessante que os embaixadores e os chefes das diplomacias desses Estados saibam que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal os considera entre bosquimanes e hotentotes.

Considerando que Portugal já é um País europeu há alguns séculos; considerando que a incivilização, a ineuropa, se as há, se as tem havido, estão na selva-jaria pela qual este jovem professor extraordinário da Faculdade de Direito tem sido moralmente responsável, estão nas falsidades dessa oposição, nos seus assassinios de caracteres, no seu enervamento da sensibilidade pública, no seu terrorismo; considerando que a educação europeia deste novo establishment é uma educação de classe, é o estilhaço de uma Europa de muitos estilhaços, de uma Europa de muitas Europas; considerando que tudo isto ou é ingenuidade cultural ou é um embuste interesseiro; conclui-se que este namoro ao PS é pouco convincente.

Como partido socialista, como expressão dos interesses das classes trabalhadoras, o PS não se põe, prioritariamente, o problema da etiqueta britânica e rotativista que apetece ao dr. Freitas do Amaral, e aos grupos sociais de que ele é o novo bedel o PS põe-se, prioritariamente, o problema da luta clara, justa, eficaz, do combate político, parlamentar, sindical, social, estritamente legais, estritamente constitucionais, para o derrube do poder da direita e para a conquista do poder pelas forças de esquerda.

Ser ou não ser polido, ser ou não ser civilizado, segundo os critérios classistas, limitados e egoístas de um jovem jurista que não sabe História, que não sabe Europa, ou que só sabe a História e a Europa da sua classe, segundo os critérios de um jovem político que junta a todos os disparates que já cometeu, e pelos quais aliás já foi

Portugal Hoje, analisa, pelo pensamento de Artur Portela, situações delicadas e ridículas da nossa sociedade.

Não deixa de citar os órgãos de esta Imprensa e que insultaram o Primeiro-Ministro e até "enlamearam" o Presidente da República. Mas os tais civilizados, que aplaudem a Soares Albas, nada fazem para não a civilidade. Embim...





VISADOS CERTO CLERO E CERTA IMPRENSA

A RAZÃO DA PRIMEIRO-MINISTRO

Maria de Lurdes Pintasilgo teve, à despedida, palavras duras, fortes, para com certa imprensa. E tanto basta para que, sem tardança, certa imprensa se abespinhe e, uma vez mais, fale em tentativas de coarctar a liberdade.

Só que se, em Democracia, os governantes não podem ser tabus, também não o deve ser o «Quarto Poder». Ou seja, se os governantes erram e convém que se saiba, a imprensa também erra — e impõe-se que, igualmente, isso não passe em silêncio. Sobre tudo quando esse erro não é involuntário.

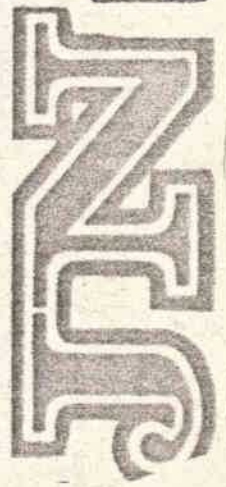
Maria de Lurdes Pintasilgo e o V Governo foram alvo, na verdade, de uma campanha orquestrada por certas órgãos da Comunicação Social empenhados em denegrir a sua imagem com fins que facilmente se descortinam. A primeiro-ministro teve a coragem de denunciar alto e bom som essa campanha que, se não pôde ser neutralizada, pelo menos não beneficiará da cumplicidade da ignorância pública.

O «Jornal de Notícias» está à vontade para dizer o que diz porque tem a consciência tranquila: não são para ele as palavras, se era, e as traças de Maria de Lurdes Pintasilgo no momento da despedida. Porque para o «Jornal de Notícias» todos os governos, todos os chefes de Executivo, nos merecem o mesmo tratamento sem prejuízo do direito de crítica. Ou seja, todos são tratados com respeito e julgados pelo que realizam e não pelos rótulos que a boa vontade de alguns, a má vontade de outros, conforme os casos, insiste em colar-lhes.

Afirmamo-lo com orgulho: no JN não há preconceitos, não há «parti pris», não há conluios. Não há, em suma, campanhas. Mas claro que nem todos podem dizer o mesmo e por isso Lurdes Pintasilgo, ao falar, falou verdade...

É assim que o JN se torna um dos primeiros órgãos da Imprensa Portuguesa, aumenta as suas tiragens e tem dinheiro para dar aos trabalhadores. Sem recorrer a formatos diferentes, sem "truques" sem modo. Porque o JN não deixa de reconhecer que o que está em jogo é a verdade.

MEDIA DIARIA DA TIRAGEM NO MES DE NOVEMBRO: 79 090





?????????

7



Aqui há ano, quando diversos membros do Governo de então, vieram ao Porto, publicaram no "CP" um artigo subordinado ao título "Triplas à moda do Porto". Assim se demonstrou que as pedradas e os insultos eram uma forma bem popular e portuguesa e portuguesa de se dizer as coisas. Há pouco, defendeu-se o treinador Pedroto, por ter dito, frontalmente, o que pensava de outro treinado, e quem chamou "palhaço". Defendeu-se a senhora Laura Alves, por dizer muitas coisas contra a esquerda. Agora, fez-se um ligeirinho do diabo por A. Sma. Maria de Lurdes Pintarilho dizer a verdade sobre a grande maioria da nossa Imprensa. E dos dois uma: ou o direito que diz que ela é uma mulher a sério, como as peixeiras, que dizem a verdade, ou o direito pretende embelezar Pintarilho e as peixeiras!

Juvenal  
79



VOTAR NO PS É PECADO MORTAL...

EM ENTREVISTA A "O JORNAL"

Sousa Franco condena "intromissão ilegítima" da Igreja

«Lamento muito as tomadas de posição de alguns bispos, que até não exercem, neste momento, responsabilidades pastorais em Portugal, além de uma atitude muito generalizada do clero, no sentido de influenciar a opção do voto, o que foi uma constante do período pré-leitoral» disse o ministro das Finanças, Sousa Franco, em entrevista hoje publicada pelo semanário «O Jornal».

«Creio que foi um erro histórico, não da Igreja, pois a Igreja são todos, os cristãos, mas de uma parte dela» - prossegue Sousa Franco, para logo a seguir afirmar que «é um pecado grave de quem incorreu nesse erro, utilizando mal uma responsabilidade de serviço da Igreja, para influenciar erradamente opções de voto com base em argumentos que não têm o menor fundamento e estão desautorizados pelas próprias posições do Episcopado. Receio muito que, se essa acção continuar a repetir-se, seja a origem de algo que eu não desejava, mas que poderia

estar na lógica histórica deste comportamento, isto é, uma crise muito profunda na Igreja».

Interrogado sobre o sentido dessa crise, Sousa Franco atribuiu-a ao facto de a Igreja se meter «ilegitimamente» na política partidária: «No fundo, em política, existem múltiplos grupos de pressão que tentam desviar o voto dos eleitores, num sentido ou noutro-interesses económicos e sociais. Mau é que uma parte importante da Igreja tenha descido ao nível desses grupos de pressão. A Igreja não é nem deve ser isso. Se se torna mero grupo de pressão a crise é da Igreja e não da sociedade em que grupos de pressão existem».

Sobre o facto de se ter chegado a dizer que não votar, ou votar de determinada maneira, era um pecado mortal, o ministro comentou apenas que lamentava «que coisas dessas tenham sido ditas, e outras muito piores. Como cristão, faria tudo o que tenho vergonha que isso tenha sido feito».

A uma pergunta sobre a quali-

dade do próximo Governo, presidido por Sá Carneiro, o ministro das Finanças salientou que se trata «de um conjunto de forças extremamente heterogéneo e relativamente instável do ponto de vista político, embora estêvel em termos sociais. Depois de ver o Governo e o seu programa, e a maneira como começa a governar, é que será possível ajuizar melhor. Mas, até pela maneira como votei, considero-me, em relação a esse Governo, em oposição social-democrática...».

Finalmente, depois de ter negado qualquer conotação ou ligação com a «Opus Dei», Sousa Franco explicou as razões da sua oposição ao «pacote financeiro» do V Governo, desmentindo que existam quaisquer conflitos com a Primeiro-Ministro ou com outros membros do Governo e admitindo mesmo a possibilidade de vir a fazer parte de outro Governo Pintasigo que eventualmente viesse a formar-se.

«Qualquer forma o mais prejudicado neste tipo de campanha de muitos padres foi o PS. «Votar no PS é pecado mortal» - disse um padre em uma igreja.

Para quem não é católico de bacristia, esta igreja velha está cheia de reminiscências medievais. Está a séculos das exigências do nosso tempo. Por isso, para Lurdes Pintasigo, «é claro que a ligação socialismo marxismo e ateísmo é de um primarismo que não tem classificação».

LUIS HUMBERTO

«que absoluta e perene». A propósito, o Patriarca recordou a posição dos bispos portugueses por ocasião das últimas eleições de que a Igreja «não tem partido ou partidos seus como também não aceita que nenhum partido ou movimento ou dirigente político se arvora em defensor exclusivo ou privilegiado do pensamento e interesses da Igreja».



Ainda no penultimo numero de "Jornal de Paredo" se publicaram alguns recortes do "CP" onde elementos da Diocese do Porto acusaram alguns jornais e jornalistas de promoverem bofícios para pessoas de grupos sociais, ditando de cumprir o seu dever de defensores dos direitos de todos os cidadãos, especialmente dos mais humildes e necessitados. Agora é Sousa Franco e o Cardeal Patriarca que fazem acusações a padres e disidentes partidários, dizendo mesmo o Patriarca que a Igreja "não aceita que nenhum partido ou movimento se arvora em defensor exclusivo ou privilegiado do pensamento e interesses da Igreja". Mas os anti-cristãos, os materialistas, os adoradores do "bezerro de ouro" são os primeiros a fazê-lo, proclamando, aos quatro ventos, que são eles os verdadeiros cristãos, só porque a missa ao domingo e a todos as procissões...



# ASSIM NÃO MINHA SENHORA

(Continuação da 1.ª página)

Inacreditável o que se ouviu da boca da Primeiro-Ministro. Foi um insulto inqualificável a toda a classe da informação. Uma mulher inteligente como Maria de Lurdes Pintasilgo devia ser, teria de saber separar o trigo do joio, pois há bons e maus jornalistas, tal como há bons e maus primeiros-ministros.

Por isso, aqui estamos a fazer o nosso mea culpa retirando todo o empenho que havíamos tido em considerar a senhora Primeiro-Ministro uma pessoa bem intencionada e que ela não o foi e a prova disso está no enxovalho lançado sobre todos os trabalhadores da informação. Imperdoável numa Primeiro-Ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo, na hora de deixar S. Bento, partiu o verniz até aí evidenciado e o «fair-play» de que parecia possuída.

Demonstrou infelizmente tarde, que lhe falta o estofado democrático para aceitar as críticas e saber desfrincar entre o bem e o mal. Para Maria de Lurdes Pintasilgo ou se é por nós ou contra nós...

Diz a senhora Primeiro-Ministro que a beliscaram na isenção para o acto eleitoral. Pergunta-se: depois da sua intervenção televisiva poucas horas antes das eleições e do camuflado «logio» a determinação do governo e prática política, não seria de pensar que não estava mesmo a ser isenta? Quando Maria de Lurdes Pintasilgo afirma que se propa-

laram mentiras sobre divisões no Governo, por que não explica as ausências do ministro das Finanças aos «lenário», do Conselho de Ministros?

Não entendemos e repudiamos toda a injúria sobre quem trabalha nos órgãos de Informação. Quem inventou, deturpou e mentiu foi a Primeiro-Ministro ao meter no mesmo saco todos os jornalistas. Errou e desgostou. É pena que tenha tão mal abandonado o seu cargo.

Agora, a caminho da Unesco, deve a ex-Primeiro-Ministro lembrar-se que em Portugal existe a liberdade de imprensa e que na profissão há de informação não são o «inventoras» e mentirosos doutros tempos. Vai longe a época em que era obrigatório dizer amen com quem estava no Poder. Nós nunca o fizemos, nem faremos. Nada inventámos, não deturpámos, nem mentimos. Por isso temos a consciência de não agradarmos a muita gente, mas a isenção dos jornalistas a isso nos obriga.

Maria de Lurdes Pintasilgo queria ter tido os jornalistas a trabalharem para si. Não teve. Mereceu críticas. Não as soube ouvir e, agora, ao fechar a porta foi inconveniente.

Por nós só a desculpamos, por ser uma senhora e, segundo diz o povo, a uma senhora não se deve bater sequer com uma flor. Resta-nos esquecer que um dia lhe demos o benefício da dúvida. Erramos.

Joaquim Queirós

## PINTASILGO ERROU

A sr.ª engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo, contra quem não nos move qualquer má-vontade, pelo contrário, saiu ontem de Belém, provavelmente esfuziante com o culminar de uma tarefa que levou a bom termo. Só por exacerbado entusiasmo, a sr.ª engenheira desferiu tão violento ataque à totalidade dos jornalista portugueses que, obviamente, pecou pela generalização.

Que a sr.ª engenheira Lurdes Pintasilgo esteja ressentida com os ataques de que foi alvo durante o seu mandato, com as montanhas de que foi vítima, com os rótulos menos verdadeiros que lhe enfiaram, está no seu direito. Não pode, nem deve, no entanto, generalizar, insultando os jornalistas da forma como o fez. Que há jornalistas desonestos todos nós sabemos, da mesma forma que sabe a sr.ª engenheira da existência de primeiros-ministros que não fogem a essa regra.

A sr.ª primeiro-ministro falou de conceitos deontológicos, da subordinação dos jornalistas a centrais de informação. Saiba a sr.ª chefe de Governo em exercício que ainda há, felizmente, jornalistas que não se subordinam a centrais de informação, mesmo quando estas se identificam com o poder. Saiba a sr.ª Lurdes Pintasilgo que ainda há jornalistas, e esses são a maioria, que têm consciência dos conceitos deontológicos. Saiba também a sr.ª Lurdes Pintasilgo que a deontologia fica bem aos primeiros-ministros, mesmo quando demissionários.

JOSÉ RUI CUNHA



Vá lá! Que este  
Comentador, ao mesmo, reconhece  
que houve mentiras, que há  
jornalistas desonestos e que  
há jornalistas que não  
se subordinam a centrais  
de informação, o que  
presupõe a existência de  
tais centrais. Pintasilgo  
não mentiu.

Ela prometeu que é  
uma grande e honesta  
e inteligente mulher.  
Além disso, corajosa, sem  
papas na língua. Verdadeira  
sentindo os problemas do país.  
Não é descredida como o  
Sr. Amaro da Costa, que fez crer  
nos papalvos deste país.

Falta o «estofado democrático» à  
Primeira-Ministra? Não há dúvida!  
É o Baltar! E quem o diz!  
Ainda há bem pouco se viu, a  
propósito de umas linhas estranhas e  
de uma natureza, quem tem e quem  
não tem «estofado democrático». Quanto à  
liberdade de imprensa, se existe,  
quem a sabe usar? O «Jornal de  
Paredes», sem dúvida, mas esse é um  
jornal maldito, não é?